

Design e acessibilidade comunicacional no espaço museal: metodologia de criação de sinais em Libras

Diseño y accesibilidad comunicacional en un espacio museístico: metodología de creación de señalética en Libras

Design and communicational accessibility in a museum space: methodology for creating signs for deaf people

Germana G. Araujo, Raquel Lima, Bruna Rodrigues, Vinícius Prudente

acessibilidade comunicacional, espaço museal, cultura local, pessoas surdas

Este estudo visa desenvolver um procedimento metodológico para a criação e o registro de palavras e termos da cultura local sergipana em Língua Brasileira de Sinais (Libras), a fim de eliminar barreiras na comunicação do conteúdo do Museu da Gente Sergipana compartilhado pelo monitor-intérprete com a pessoa surda. Com o apoio da equipe do museu e de pessoas surdas voluntárias, foi realizada uma ação para a concepção e concretização dos resultados deste estudo. Para legitimar a criação de novas palavras, um segundo momento foi planejado com discentes surdos de Letras-Libras. O resultado é a ampliação de palavras regionais em Libras para concretizar a acessibilidade comunicacional do museu.

accesibilidad comunicacional, espacio museístico, cultura local, personas sordas

Este estudio objetiva desarrollar un procedimiento metodológico para crear y registrar palabras y términos de la cultura local de Sergipe en la Lengua de Signos Brasileña (Libras), para eliminar barreras en la comunicación del contenido del Museu da Gente Sergipana compartido por el monitor-intérprete con la persona sorda. Con el apoyo de la equipe del museo y de personas sordas voluntarias, se realizó una acción para diseñar e implementar los resultados de este estudio. Para legitimar la creación de nuevas palabras, un segundo momento fue planeado con estudiantes sordos de Literatura-Libras. El resultado es la ampliación de palabras regionales en Libras para lograr la accesibilidad comunicacional del museo.

communication accessibility, museum space, local culture, deaf people

This study aims to develop a methodological procedure for creating and recording words and terms from Sergipe local culture in Brazilian Sign Language (Libras), aiming to eliminate communication barriers of the museum content shared by the interpreter-monitor with the deaf person. With the support of the museum team and volunteer deaf people, an action was taken to design and implement the results of this study. To legitimize the creation of new words, a second moment was planned with deaf students of Literature-Libras. The result is the expansion of regional words in Libras to achieve the communicational accessibility of the museum.

1 Introdução

A ideia de que o Design é uma atividade de projetos multidimensionais reforça a natureza transversal desse campo de conhecimento, que pode dialogar com diversas áreas para propor soluções. Esse entendimento confere relevância à reflexão acerca da atuação do profissional em Design que visa interferir em determinadas realidades por intermédio da propositura de serviço e objetos. Questionar o que caracteriza a realidade em que vivem as pessoas consideradas em um projeto é fundamental, inclusive por favorecer que o designer estabeleça os diálogos necessários para compreender as relações subjetivas e intersubjetivas de contextos socioculturais. Isso significa dizer, ainda, que, diante de uma sociedade complexa e humanamente diversa, o modo de fazer Design deve ser avaliado constantemente, a ponto de tornar possível a ordenação de procedimentos metodológicos que priorizem as pessoas, no lugar de evidenciar os objetos gerados em projetos.

Saindo do âmbito da abstração, a ideia da transversalidade do Design pode ser exemplificada por este estudo, que busca gerar recursos de acessibilidade comunicacional para que pessoas da comunidade surda possam ter uma experiência produtiva no espaço do museu. Nessa perspectiva, os saberes do Design auxiliam tanto no percurso de investigação, com metodologias de princípio colaborativo, quanto na organização da informação e geração de conhecimento. Investigar a relação de pessoas em determinados ambientes não é uma novidade para o profissional em Design. Entretanto, para conhecer, por exemplo, as relações intersubjetivas de pessoas surdas e as especificidades de como elas convivem e se comunicam nos contextos socioculturais, é preciso estabelecer diálogos com outros campos de conhecimento, tais como a Linguística.

De fato, estudos acadêmicos recentes têm se dedicado às experiências de pessoas surdas em museus para além da tradicional perspectiva da acessibilidade comunicacional, abordando questões mais amplas de participação cultural e identidade. Essa área de pesquisa ganhou força com o desenvolvimento da legislação brasileira, especialmente com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), que reconhece, entre outras questões, o direito fundamental dessa população ao acesso pleno a espaços culturais.

A legislação determina que as instituições museológicas implementem recursos de acessibilidade comunicacional, atitudinal e informacional e incentiva uma transformação profunda dos espaços museais em direção a práticas verdadeiramente inclusivas. Esse processo, que vai além do simples cumprimento de normas, representa uma mudança da abordagem assistencialista tradicional para uma perspectiva que reconhece os direitos culturais como parte essencial da cidadania e da dignidade humana.

Para concretizar esse cenário no ambiente museológico, a Política Nacional de Educação Museal (PNEM) elenca questões de acessibilidade como diretrizes para a gestão de museus no Brasil. A PNEM é “um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade” (Instituto Brasileiro de Museus [Ibram], 2018, p. 1). Cabe aos museus, ou às instituições de gestão e manutenção destes, investir em projetos e ações que possam dar conta das diretrizes e metas descritas

pelo PNEM. Ressalta-se que essa política de educação foi elaborada de maneira colaborativa a partir de consulta pública no site do PNEM (Ibram, n.d.) e, por isso, considera-se que tem sólido conteúdo sociocultural.

Este estudo foi desenvolvido no Museu da Gente Sergipana Governador Marcelo Déda, que funciona desde 2011 no centro histórico da cidade de Aracaju/SE. Contradizendo dados apresentados no relatório da *Pesquisa nacional de práticas educativas dos museus brasileiros* (Canedo & Severino, 2023)¹, segundo a qual “a prática educativa nos museus brasileiros é bastante presente, mas pouco institucionalizada” (p. 3), o Museu da Gente, como é costumeiramente chamado, é uma instituição porosa, que tem sido extremamente receptiva e colaborativa com as pesquisas acadêmicas que propõem intervenções em seus espaços. Compreende-se, aqui, que a institucionalização das ações não significa apenas abrir as portas para que os acadêmicos possam atuar nos espaços do museu, mas envolver os profissionais que ali atuam nas ações dos pesquisadores, além de investir na execução de produtos propostos por estes.

Nessa perspectiva, e colaborando com o museu em um dos princípios da PNEM — “Assegurar, a partir do conceito de Patrimônio Integral, que os museus sejam espaços de educação, de promoção da cidadania e colaborem para o desenvolvimento regional e local, de forma integrada com seus diversos setores” (Ibram, 2018, p. 4) —, este estudo se concentra no registro em Língua Brasileira de Sinais (Libras) de palavras e termos regionais/loais sergipanos do português, com o intuito de ampliar o vocabulário de educadores e monitores do museu, além de possibilitar o compartilhamento fidedigno de suas instalações culturais com pessoas surdas. Isso porque se verificou, em se tratando de um ambiente de disseminação cultural, que algumas palavras e termos da cultura local ainda precisam ser elaborados em Libras.

Na recente Portaria Ibram nº 3.135, de 20 de setembro de 2024, que dispõe sobre a instituição do Programa Nacional de Acessibilidade em Museus e Pontos de Memória, o artigo 3º expressa que as barreiras comunicacionais são “qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação”.

Nesse sentido, pesquisas acadêmicas que gerem conhecimento para diluir ou eliminar as barreiras comunicacionais em museus promovem a aplicabilidade de saberes científicos numa dimensão social. Neste caso, foi desenvolvida uma pesquisa exploratória para investigar quais palavras de cunho regional deveriam ser interpretadas do português para Libras e a forma de registro que poderia auxiliar os educadores e monitores do museu, ou seja, como a informação deveria ser organizada para possibilitar a acessibilidade comunicacional.

Não se pode perder de vista que no Brasil, segundo estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019, há cerca de 2,3 milhões de pessoas surdas (IBGE, 2021). Compreendendo que esse número significativo envolve distintos grupos, com diferentes

¹ Segundo o relatório, “669 museus de todo o Brasil participaram da pesquisa = 19,2% dos museus em funcionamento em 2022” (Canedo & Severino, 2023, p. 3).

identidades, acredita-se que estudos como este, que preveem o desenvolvimento de produto para acessibilidade de pessoas surdas em museus, têm como enunciado a concretização de processos de inclusão social para elas.

O atendimento ao público surdo no Museu da Gente Sergipana já opera através de um sistema estruturado que visa garantir acessibilidade comunicacional adequada. As visitas guiadas com interpretação em Libras requerem agendamento prévio, permitindo que a instituição organize adequadamente os recursos humanos necessários. O museu conta com monitores-intérpretes que integram o quadro de estagiários da instituição, alguns deles discentes do curso de graduação em Letras-Libras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Essa composição da equipe reflete uma parceria estratégica entre a instituição museológica e a universidade que, além de viabilizar o serviço de interpretação, proporciona experiência prática aos futuros profissionais da área.

Por se tratar de estagiários vinculados ao curso de graduação, a equipe de monitores-intérpretes apresenta uma rotatividade natural, com permanência média de aproximadamente dois anos na instituição. Além disso, a disponibilidade desses profissionais está condicionada aos horários acadêmicos, uma vez que eles devem conciliar as atividades no museu com suas obrigações curriculares universitárias. Essa dinâmica institucional impacta diretamente na organização dos atendimentos e reforça a importância de se desenvolverem recursos padronizados que possam ser utilizados independentemente das mudanças na composição da equipe.

2 Procedimentos metodológicos

O primeiro contato para a pesquisa exploratória foi uma reunião entre os profissionais em Design e os profissionais do Museu da Gente Sergipana, para verificar os possíveis entraves das visitas guiadas a pessoas surdas. Nesse momento, já ficou claro que aspectos/termos da cultura local, presentes em vários momentos durante a visita guiada, tinham que ser soletrados ou contextualizados, por não haver o sinal em Libras para a interpretação.

Para a segunda etapa deste estudo, reuniram-se pesquisadores dos cursos de Design Gráfico da UFS e Letras-Libras/UFS, um discente do mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFS (PPG CI-UFS) e um discente do mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco (PPD-UFPE). O grupo acompanhou a visita guiada pelos profissionais-intérpretes do museu para três pessoas surdas, em um percurso com duração de aproximadamente cinquenta minutos. Essa etapa foi imprescindível para o início do processo de catalogação das palavras que precisam ser recriadas, como mostra o quadro 1. Foi confirmado que muitos termos e palavras regionais/locais, frequentes nas narrativas dos educadores e monitores do museu, não existem em Libras. Diante disso, a incumbência da criação de sinais deve ser de pessoas surdas e não de ouvintes.

Quadro 1: Plano de ação da coleta de dados no Museu da Gente Sergipana, realizado em março de 2025

Atividade	Procedimento durante a visita	Finalidade	Envolvidos
Realizar visita guiada, em todas as instalações do museu, juntamente com as pessoas surdas e os intérpretes da casa.	Filmar o/a intérprete durante o percurso. Listar questões de inteligibilidade no percurso da visita apontadas pelas pessoas surdas.	Conhecer as palavras e termos em português que: Já existem em Libras. Foram elaborados pela equipe do museu. Não existem em Libras.	Pesquisadores do Grupo de Pesquisa Design, Cultura e Sociedade (linha de pesquisa: Design e Cultura Surda). Educadores e monitores-intérpretes do museu. Pessoas surdas convidadas.

No tratamento e análise dos dados, foram catalogadas as palavras seguindo o critério “regional/local”, para a montagem de banco de dados dos grupos de palavras e a classificação das palavras/termos já utilizados pela equipe do museu e das palavras/termos que ainda não existem em Libras.

No final dessa atividade, foi elaborado outro plano de ação para a criação dos sinais de palavras que inexistem em Libras, antecedido por uma etapa de pesquisa sistemática para verificar a existência de sinais similares ou que pudessem atender à tradução necessária. Essa fase metodológica no processo de desenvolvimento lexical em Libras evita a duplicação desnecessária de sinais e assegura que se respeitem as convenções já estabelecidas pela comunidade surda.

Consultaram-se diferentes fontes especializadas, incluindo dicionários oficiais de Libras, glossários regionais, como o *Glossário Sergipano da Libras* (Silva, 2016), a própria comunidade surda acadêmica e local e repositórios digitais de sinais. Esse levantamento contribuiu para a classificação das palavras e termos estudados em três categorias: aqueles que já dispõem de sinais estabelecidos em Libras, aqueles que não têm sinais regionais específicos e aqueles que necessitam de criação. Somente após essa verificação sistêmica é que se procedeu ao planejamento da dinâmica de criação de novos sinais (quadro 2), iniciativa a ser desenvolvida como projeto de extensão da UFS com discentes do curso de graduação Letras-Libras.

Quadro 2: Plano de ação da criação de sinais em Libras dos termos e palavras regionais utilizados no Museu da Gente Sergipana, realizado em março de 2025

Atividade	Procedimento durante a atividade	Finalidade	Envolvidos
Realização de dinâmica em sala de aula para a criação de sinais em Libras.	Apresentar a filmagem da visita guiada (quadro 1) para grupos de pessoas surdas.	Compartilhar os objetivos deste estudo e apresentar quais	Pesquisadores do Grupo de Pesquisa Design, Cultura e Sociedade (linha de

	Contextualizar o significado dos objetos que precisam ser interpretados em Libras.	palavras devem ser interpretadas.	pesquisa: Design e Cultura Surda). Educadores e monitores-intérpretes do museu. Educadores de história e teatro do museu. Pessoas surdas.
--	--	-----------------------------------	--

Ressalta-se que a finalidade dessa ação é montar uma espécie de glossário visual para registrar as palavras necessárias para o museu, como um tipo de guia para as ações educativas e as visitas guiadas pelos monitores-intérpretes, reconhecendo a autoridade linguística dos participantes surdos na criação e desenvolvimento de sua própria língua. Nesse aspecto, é importante reiterar a competência linguística natural dos discentes surdos do curso de Letras-Libras da UFS, como nativos e fluentes em Libras, para a criação dos sinais. Esse fato por si só dispensa etapas adicionais de validação externa dos sinais criados. Assim, para respeitar a autonomia e a legitimidade desse grupo como falante da língua, esta metodologia evita a inclusão de processos que poderiam desvalorizar ou deslegitimar o trabalho desenvolvido pela própria comunidade surda.

A figura 1 apresenta o esquema das fases do projeto, proposto após verificação e registro criterioso das formas de gerar informação capazes de auxiliar na inteligibilidade das instalações culturais do museu para a pessoa surda, tais como legendas e outros recursos narrativos.

Figura 1: Esquema gráfico que sintetiza as fases do projeto



3 Resultados e discussões

Uma questão importante a ser colocada em discussão é a modelagem dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa para atender aos objetivos definidos. Embora os modos de operação projetual em Design sejam repletos de axiomas e padrões de trabalho, Ambrose e Harris (2009, p. 166, como citado por Aroucha, 2021) defendem que não deve

existir um único caminho a ser explorado quando se trata da prática do Design. Posto isso, compreende-se, aqui, que cada projeto evoca um universo a ser observado e estudado, assim como modos específicos de proceder à sua pesquisa e desenvolvimento.

Nessa perspectiva, o trabalho colaborativo, no qual pessoas com pontos de vista distintos sobre a questão têm o mesmo poder de decisão sobre os resultados da ação, foi extremamente relevante neste estudo. Cada um contribuiu com seu conhecimento próprio para alcançar o objetivo. Como mencionado, é preciso reafirmar que o sinal só pode ser criado por pessoas surdas e, por isso, a dinâmica com os discentes surdos da UFS se torna fundamental para a obtenção dos resultados.

Durante a visita guiada acima descrita, quando foram catalogadas algumas palavras em português que não têm sinal em Libras, foi percebido que, entre as instalações do museu, alguns ambientes são mais complexos para os monitores-intérpretes. Nesses ambientes, diante de um conjunto de objetos da cultura local, é preciso soletrar as palavras e contextualizá-las por meio de exemplos, para gerar inteligibilidade aos visitantes surdos. Sobre isso, duas questões podem ser apontadas: 1) a palavra soletrada pode ocupar mais tempo do que um sinal no processo de comunicação e, o mais importante, se tiver uma semântica desconhecida, torna a experiência esvaziada de sentido; 2) embora a exemplificação feita pelos intérpretes seja necessária, pode criar associações que destituem a palavra da especificidade regional/local. Além disso, para alcançar algum significado, os exemplos são alternativas que podem resultar em generalização ou direcionamento da ideia sobre alguma coisa. Afinal, toda narrativa nasce de um ponto de vista, então os exemplos também ficam à mercê do repertório do monitor-intérprete.

Figura 2: Visita guiada com monitor-intérprete no Museu da Gente



Em todas as instalações permanentes do Museu da Gente foram verificadas palavras em português que precisam ser traduzidas para Libras. Alguns dos ambientes são mais problemáticos, como é o caso do “Nossos Cabras”, no qual “protagonistas da história de Sergipe e do Brasil contam suas experiências, trajetórias e feitos”, (Museu da Gente Sergipana, n.d.). O nome de personalidades sergipanas, como os escritores Tobias Barreto e Sílvio Romero, representados por animações criadas com inteligência artificial, não têm sinal em

Libras. Outro ambiente considerado complexo foi o “Nossas Festas”, pois a maioria dos nomes das festas expostas — as “manifestações religiosas, culturais e populares mais importantes do nosso estado” (Museu da Gente Sergipana, n.d.) — não têm tradução em Libras. Mais problemático ainda é o “Nossos Falares”, que apresenta expressões típicas da região (Figura 3).

Figura 3: Instalação permanente “Nossos Falares”, no Museu da Gente



Como pormenoriza Sylvia Leite (2024), no texto “Museu da Gente Sergipana: a memória em multimídia”:

No espaço ‘Nossos Falares’, as paredes estão cobertas por palavras que soam exóticas ao visitante, como *sumítico*, que significa avarento; ou *foló* que significa folgado, frouxo. Mais adiante, outra curiosidade: pegar um *bigú* é o mesmo que pegar uma carona. E surgem também os verbos que apenas os sergipanos sabem conjugar: *junir* é o mesmo que jogar, no sentido de lançar; e *ximar* é demonstrar que está desejando — é ficar ‘secando’ — a comida do outro.

A palavra “rumar”, por exemplo, foi soletrada pelo monitor-intérprete como “jogar fora”, sendo que no entendimento local a palavra também pode ser utilizada com os sentidos de: atirar, jogar, arremessar, tacar. Compreende-se, então, que, quando soletrada, pode ocorrer uma simplificação da semântica da palavra que torna pouco produtiva a experiência simbólica do visitante.

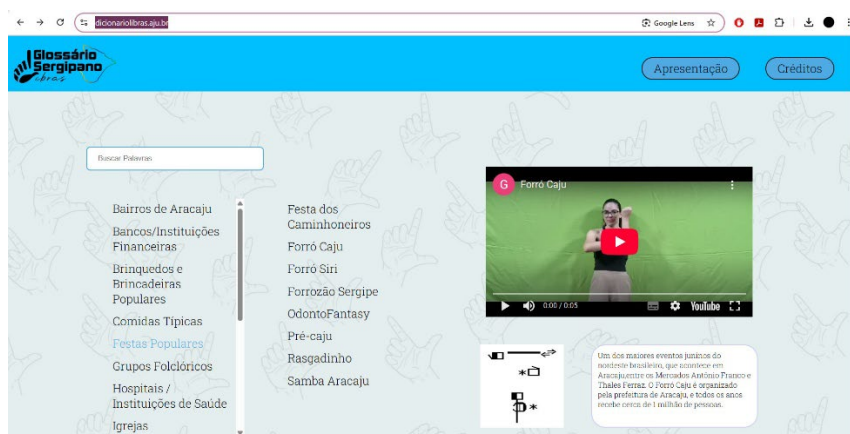
Essas expressões são problemáticas justamente porque não dispõem de uma tradução formal, por serem próprias da cultura local. No contexto da Libras, a tradução dessas expressões se torna ainda mais desafiadora, pois muitas delas estão profundamente enraizadas na cultura do ouvinte. A cultura surda, por sua vez, tem um conjunto de referências e vivências distintas, contexto no qual nem sempre a tradução fará sentido ou poderá ser facilmente assimilada de forma equivalente. Isso dificulta tanto a criação de sinais adequados para essas expressões quanto a transmissão de seu significado, resultando em barreiras de comunicação que podem limitar a compreensão plena do conteúdo para o público surdo.

A partir dos ambientes exemplificados, é possível colocar em reflexão a acessibilidade comunicacional de pessoas surdas na visita guiada do Museu da Gente e associá-la a uma solução linguística que pode de fato diminuir a desigualdade na experiência cultural oferecida

pelo Museu da Gente. Nessa perspectiva, a criação de sinais em Libras é fundamental para que a comunidade surda possa vivenciar com plenitude a cultura local. Apesar de o Museu da Gente ser a única casa de cultura de Sergipe que oferece a visita guiada com monitores-intérpretes em Libras, o que já proporciona compartilhamento e conhecimento às pessoas surdas, empreender esforço em projetos que possam ampliar a acessibilidade comunicacional é o caminho necessário para o desenvolvimento local e o exercício da cidadania.

Uma questão que foi apontada pelo monitor-intérprete, discente da graduação em Letras-Libras e estagiário no Museu da Gente, é que alguns sinais podem até existir, mas ser desconhecidos pela equipe. Buscou-se, então, como descrito nos procedimentos metodológicos, fontes de consulta que pudessem ser úteis para este estudo, como o *Glossário Sergipano da Libras*, site bilíngue (língua portuguesa/Libras) que disponibiliza termos locais (Silva, 2016). Algumas palavras de cunho regional já foram traduzidas para Libras e nesse glossário algumas das festas populares, por exemplo, já têm sinais.

Figura 4: Página do *Glossário Sergipano de Libras*



Munidos das informações das fontes consultadas e da experiência relatada pelos profissionais do museu, para ampliar o repertório, os pesquisadores cogitaram implementar uma nova ação: criar um perfil em rede social para fazer uma espécie de consulta pública sobre os sinais de algumas palavras e termos regionais em português. Esse recurso pode inclusive colaborar para disseminar alguns sinais pouco conhecidos na comunidade surda.

4 Considerações finais

Na *Pesquisa nacional de práticas educativas dos museus brasileiros* (Canedo & Severino, 2023), no item “Acessibilidade” consta: “Abraçando a noção de ‘acessibilidade plena’, a política defende que as instituições e demais processos museológicos garantam segurança, respeito e plena fruição para todos/as os/as seus/suas usuários/as” (p. 45). Nesse sentido, acredita-se que a partir dos resultados deste estudo e sua continuação será possível ampliar as ações educativas do Museu da Gente Sergipana.

Deve-se ter em vista que este estudo é sobre a geração do conhecimento (criação de novos sinais) a partir da gestão da informação (ordenação de dados interpretados) e, por isso, compreende-se que há aderência ao campo do Design da Informação, visto que os sinais criados e a forma de sua disponibilização podem aproximar pessoas da comunidade surda de aspectos da cultura local. Ou seja, a criação de novos termos e palavras em Libras concretiza a acessibilidade plena na comunicação das instalações culturais do museu para o visitante surdo, além de favorecer a acessibilidade atitudinal da “equipe envolvida para se relacionar com pessoas com deficiência de forma respeitosa, sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações” (Canedo & Severino, 2023, p. 45). A partir do sinal criado e disseminado, a compreensão sobre algumas coisas do museu não ficará a cargo do monitor-intérprete, o que pode contribuir para a autonomia interpretativa das pessoas surdas.

Por fim, segundo os profissionais do Museu da Gente, a criação de novos sinais é um projeto que tem sido pensado há algum tempo, mas a instituição não conseguiu concretizar. A parceria com pesquisas acadêmicas, portanto, é um caminho possível e plausível para o desenvolvimento desse projeto institucional.

Referências

Aroucha, B. Z. L. (2021). *Design da Informação*. InterSaberes.

Canedo, D. P., & Severino, J. R. (Coords.). (2023). *Pesquisa nacional de práticas educativas dos museus brasileiros: um panorama a partir da política nacional de educação museal: relatório final*. Casa Aberta Editora e Livraria: Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em https://obec.ufba.br/wp-content/uploads/2023/07/PEMBrasil_relatório-2023_final.pdf

Instituto Brasileiro de Museus. (2018). *Política Nacional de Educação Museal*. Ibram. Disponível em <https://pnm.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Museal.pdf>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Pesquisa Nacional de Saúde (PNS): 2019 - Ciclos de Vida*. IBGE.

Instituto Brasileiro de Museus. (n.d.). PNEM: Política Nacional de Educação Museal. Disponível em <https://pnm.museus.gov.br>

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. (2015). Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Presidência da República. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

Leite, S. (2024, 17 de outubro). Museu da Gente Sergipana: a memória em multimídia. *Lugares de Memória*. Disponível em <https://lugaresdememoria.com.br/museu-da-gente-sergipana-aracaju/>

Museu da Gente Sergipana. (n.d.). Instalações Permanentes. Disponível em <https://www.museudagentesergipana.com.br/wps/portal/inicio>

Portaria Ibram nº 3135. (2024, 20 de setembro). Dispõe sobre a instituição do Programa Nacional de Acessibilidade em Museus e Pontos de Memória - Acesse Museus - no âmbito do Instituto Brasileiro de Museus - Ibram. Ibram. Disponível em

<https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/legislacao-e-normas/portarias/portaria-ibram-no-3135-de-20-de-setembro-de-2024>

Silva, V. S. (2016). *Glossário Sergipano de Libras*. Disponível em <https://dicionariolibras.aju.br/>

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Germana G. Araujo, pós-doutora, UFS, Brasil <germana@academico.ufs.br>

Raquel Lima, doutora, UFS, Brasil <raquellima@yahoo.com.br>

Bruna Rodrigues, mestranda, UFS, Brasil <brunarodriguezs@academico.ufs.br>

Vinicius Prudente, mestrando, UFPE, Brasil <viniciusprudente09@gmail.com>